

SOBRE EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO

Adelmar Santos de Araújo¹
Madalena Pereira da Silva²

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo, a partir de algumas ideias de Durkheim, Brandão e Paulo Freire, relacionar educação, cultura e ação humana tendo em vista a realidade concreta. Nessa perspectiva, conforme Frigotto (1989), para compreender a relação entre educação e sociedade é necessário adotar como ponto de partida a atividade prática social dos sujeitos históricos concretos constituída em “fundamento e limite do processo de conhecimento”. O texto está dividido em três seções precedidas por esta introdução e sucedidas pelas considerações finais e referências: O caráter da educação durkheimiana, Educação e cultura segundo Carlos Rodrigues Brandão, Elementos para pensar a ação em Paulo Freire.

Palavras-chave: Ação educativa; Educação e sociedade; Sujeito histórico; Cultura.

ABOUT EDUCATION, CULTURE AND ACTION

ABSTRACT

This essay aims, from some ideas of Durkheim, Brandão and Paulo Freire, to relate education, culture and human action in view of the concrete reality. From this perspective, according to Frigotto (1989), in order to understand the relationship between education and society, it is necessary to adopt as a starting point the practical social activity of concrete historical subjects constituted in the “foundation and limit of the knowledge process”. The text is divided into three sections preceded by this introduction and followed by the final considerations and references: The character of Durkheimian education, Education and culture according to Carlos Rodrigues Brandão, Elements for thinking about action in Paulo Freire.

Keywords: Educational action; Education and society; Historical subject; Culture.

Recebido em 19 de novembro de 2021. Aprovado em 31 de dezembro de 2021.

¹ Historiador e mestre em educação pela Universidade Federal de Goiás. Doutor em educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professor conteudista e formador História Contemporânea-UniAraguaia. Rede Pública de Educação do Estado de Goiás.

² Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Campos Elíseos. Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica pelo Instituto Consciência - ICG Brasil

INTRODUÇÃO

Já no limiar do ano 2000, Franco Cambi (1999) afirmava que o universo da pedagogia estava circundado por uma complexa “fermentação” de impulsos radicais. Contudo, pondera o autor, “a ação e o pensamento pedagógicos não abandonaram absolutamente nem a paixão pelo homem, pelo seu resgate e pela sua plena realização, nem a consciência do rigor teórico que guiaram até aqui sua história” (CAMBI, 1999, p. 643). Ancorado em Bowen (1979-1983), Cambi reafirma que o pensamento e a prática pedagógica deveriam superar a atual fase do positivismo obsoleto, de modo a viver e agir atentamente voltados para a educação humana. Em outras palavras, o pensamento e a prática pedagógica devem manter-se atentos ao desenvolvimento da humanidade. Isso evidencia a necessidade constante do retorno à *Paideia* grega. Foi de lá que, segundo Jaeger (2010) principiou a história da personalidade europeia.

A educação, de acordo com Jaeger (2010, p. 5), “é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual” cujo conteúdo “aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático” (JAEGER, 2010, p. 23). Cabe observar que a imersão na história da educação na Antiguidade pode atingir objetivos diferentes entre aqueles que a fazem. Certamente, a apropriação que Paulo Freire faz de determinados conhecimentos acerca da história e da educação greco-romana se distancia da apropriação feita por Emile Durkheim, por exemplo. Se, por um lado, Durkheim se apoia na educação greco-romana para enfatizar a subordinação cega dos indivíduos e tornarem-se *coisas* sociais, por outro, Freire se aproxima da “educação problematizadora com a maiêutica socrática” (WALTRICK; SANTOS; GROSCH, 2021, p. 1001).

Os gregos dos séculos V e IV sabiam que o homem é, “‘por natureza’ um ser político, constituído na efetiva participação da vida da polis”, e que “é próprio do homem, no sentido genérico do termo, viver em coletividade” (COELHO; GUIMARÃES, 2012, p. 325).

Apesar do tempo, das diferenças, a Grécia Antiga tem condições de provocar nossa sensibilidade, imaginação e inteligência, de ajudar-nos a pensar e a recriar a vida coletiva, a esfera pública, a educação e a escola que temos. Não se trata de copiar nem de transpor supostos modelos de sociedade, de democracia, de educação e de escola, mas de aprendermos com os gregos a pensar o contemporâneo, em sua relação intrínseca com o futuro e com o passado. Quanto à educação e à escola, questão de nossa discussão neste texto, não podemos perder de vista a dimensão sociocultural inerente e, portanto, constitutiva do trabalho educativo, bem como de todas as formas de pensá-lo e de realizá-lo (COELHO; GUIMARÃES, 2012, p. 326).

Assim, cabe esclarecer, não se trata de transplantar experiências e soluções de um lugar para outro. Contudo, é fundamental buscar compreender como estudiosos de outras épocas e de outros espaços geográficos pensaram a educação. Da mesma forma, compreender como alguns contemporâneos fizeram determinadas leituras, sem perder de vista que se trata de um processo de humanização “permeado de realidades e ações que trazem a marca da opressão, da dominação e da barbárie constitutivas das atuais formas de existência social” (COELHO; GUIMARÃES, 2012, p. 334). Enfim, é necessária atenção à “complexa relação educação-sociedade” (MANACORDA, 2010, p. 432).

Nessa perspectiva, para compreender a relação entre educação e sociedade é necessário adotar como ponto de partida a atividade prática social dos sujeitos históricos

concretos constituída em “fundamento e limite do processo de conhecimento” (FRIGOTTO, 1989, p. 82).

O presente ensaio tem como objetivo, a partir de algumas ideias de Durkheim, Brandão e Paulo Freire, relacionar educação, cultura e ação humana tendo em vista a realidade concreta. “O concreto aparece no pensamento como processo da síntese” (MARX, 2011, p. 54). O texto está dividido em três seções precedidas por esta introdução e sucedidas pelas considerações finais e referências: O caráter da educação durkheimiana, Educação e cultura segundo Carlos Rodrigues Brandão, Elementos para pensar a ação em Paulo Freire.

Caráter social da educação durkheimiana

Segundo Émile Durkheim (2014), é importante observar as variações da educação de acordo com “os tempos e os países”. O mundo greco-romano ensinou os indivíduos a se subordinarem “cegamente à coletividade”, tornarem-se “coisa da sociedade”. No tempo de Durkheim, conforme ele afirma, o papel da escola era outro, tornar o indivíduo em uma “personalidade autônoma”. Em Atenas, a busca era por formar “intelectos finos”, “perspicazes”, dotados de sutilezas, voltados à pura investigação, além de ser “amantes de proporção e harmonia”, demonstrar ter prazer pela beleza. Do lado romano, o desejo primeiro era que as “crianças se tornassem homens de ação”; que fossem indiferentes às artes e às letras e, sobretudo, fossem “apaixonados pelas glórias militares”. No ocidente medieval, a educação era, acima de tudo, cristã; só adquire um caráter mais laico e “literário” com a emergência do Renascimento.

Contudo, continua Durkheim, a ausência do individualismo foi útil à polis romana, a ausência de “reflexão livre” fora necessária às sociedades cristãs da Idade Média. Enfim, há “necessidades inelutáveis que é impossível abstrair. De que adianta imaginar uma educação que seria fatal para a sociedade que a colocasse em prática?” (DURKHEIM, 2014, p. 47). O autor defende a necessidade de se estudar a formação dos “sistemas de educação” historicamente, pois daí se percebe que eles sempre estiveram atrelados a uma religião, à organização política, ao desenvolvimento das ciências, ao estado da indústria etc. Durkheim enfatiza que o indivíduo não pode reconstruir a partir da reflexão individual, não terá diante dele uma “tábua rasa” para sobre a qual construir o que quiser, ou destruir. O que o indivíduo pode fazer com as realidades existentes?

Ele só pode influenciá-las na medida em que aprender a conhecê-las e souber qual é a sua natureza e as condições das quais dependem; e só conseguirá saber tudo isto se seguir seu exemplo, se começar a observá-las, como o físico o faz com a matéria bruta, o biólogo, com os seres vivos (DURKHEIM, 2014, p. 49).

Seja como for, o jogo com a similitude se torna, para ele, necessário para construir ao menos a noção “preliminar” de educação, pois a observação histórica surge como indispensável. A evolução histórica seguiria na esteira da evolução biológica. Assim, considerar os sistemas que já existiram e os que existem atualmente, fazer a comparação e identificar os aspectos em comum facilita nosso caminho pela busca da definição de educação. Veja abaixo o enunciado de educação a que chega o autor.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo

meio específico ao qual ela está destinada em particular (DURKHEIM, 2014, p. 53-54).

Nessa perspectiva, Durkheim conclui que a educação incide em uma “socialização metódica” das novas gerações, pois foi a sociedade que estabeleceu nas nossas consciências todo o sistema de representações, alimentador de ideias, anseios de regras, disciplina interna ou externamente. Além disso, a cada sucessão de geração, a sabedoria humana se acumula incessantemente, e “é esta infinita acumulação que eleva o homem acima da besta e de si mesmo [...] esta acumulação só é possível na e pela sociedade. [...] através da educação [...] amplificá-lo e transformá-lo em um ser verdadeiro humano” (DURKHEIM, 2014, p. 53-54). Eis, pois, o caráter social da educação! Contudo, o autor faz questão de deixar claro que não se trata de ação individual; nesse caso, observa-se a imbricação sociedade e estado e, assim, há garantias que somente cabe ao estado julgar, sem, contudo, ter que monopolizar o ensino.

Educação e cultura segundo Carlos Rodrigues Brandão

Após essa brevíssima exposição do caráter social da educação durkheimiana, é justo nos atermos um pouco à relação educação e cultura feita por Carlos Rodrigues Brandão.

Vejamos, abaixo, o que afirma Brandão sobre o que é educação.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO, 1987, p. 7)

Um importante aspecto a ser observado, inicialmente, é que a educação é inevitável. Quer no âmbito escolar ou em qualquer outro grupo, é necessário aprender e ensinar. Tudo o que é feito, foi primeiro aprendido e ensinado. A organização dos preceitos de convivência procede da educação. Dela também deriva todo passo de evolução do ser. Diversas são as formas, os modelos e as concepções de educação, conforme explica Brandão. Isso pode ser confirmado, afirma o autor, dentre tantos fatos e fontes, como exemplifica a carta de resposta dos chefes indígenas aos governantes de Virgínia e Myland. Nessa carta, os índios se recusam atender a solicitação do governo para enviarem os jovens tribais às escolas dos brancos.

O argumento para justificar a recusa foi que ocorrera de bravos guerreiros terem se formado pela ciência dos brancos e ao retornarem às tribos, terem perdido as habilidades inerentes à cultura indígena. Foram categóricos em ressaltar “a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa” (BRANDÃO, 1987, p. 7). Concluíram invertendo a oferta para que fossem enviados jovens brancos para aprenderem com os índios e se tornassem homens.

Além da diversidade de formas, modelos e concepções de educação, há um leque ainda mais amplo de ambientes, agentes e pacientes da educação, bem como o que é ensinado e com qual finalidade se aplica. Para cada classe social, cada comunidade, a educação consiste no intuito de preservar e aprimorar saberes e capacitar sujeitos que deem continuidade ao grupo étnico e cultural que representam. Há também os povos que utilizam da educação como mecanismo de dominância aos ditos inferiores ou dominados. Ao impor saberes, crenças, linguagens e habilidades de um grupo ao outro, a educação resulta em efeito adverso, enfraquecendo assim a cultura primária dos sujeitos tornando-os “totalmente inúteis” (BRANDÃO, 1987, p. 7). Em termos de culturas, o autor assim se refere: “pensemos sobre elas não como produto acabado das teias de reciprocidade de bens, serviços e de significados entre os homens, mas como realização de seu próprio processo” (BRANDÃO,

1998, p. 30). Em outro momento, o autor explica que “a educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender” (BRANDÃO, 1983, p. 26).

Elementos para pensar a ação em Paulo Freire

Nessa perspectiva, cabe defender a superação da prática de inutilizar pessoas, retirar seu protagonismo e seu papel social, enquanto ser humano. Assim, consideramos pertinente tecer algumas palavras acerca da educação, conforme a defende o educador brasileiro Paulo Freire (1967), em *Educação como prática de liberdade*. Para nosso autor, importa defender uma educação capaz de possibilitar ao homem discutir corajosamente sua problemática. Inserir-se nessa problemática e seja capaz de advertir dos perigos atuais, para que, cômico deles, se fortalecesse e afirmasse sua coragem de lutar, “ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias”. Educação que o pusesse em diálogo leal com o outro. “Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus ‘achados’. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos” (FREIRE, 1967, p. 90).

Freire defende uma educação corajosa, que permita o homem comum participar dos debates e das tomadas de decisões. Compromete-se com uma educação que leve o homem a uma “nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço”. A ação de pesquisa, no lugar da enfadonha e desonesta repetição de afirmações descontextualizadas, presas às águas rasas do senso comum. A educação deveria, para Freire, ser uma “tentativa constante de mudança de atitude”, capaz de criar disposições democráticas que substituíssem os hábitos de passividade por hábitos de participação. É preciso que nosso agir educativo seja repleto de solidariedade para com o nosso povo e com outros povos, desempenhando uma política social, que nos torne autênticos nos espaços educacionais e de lutas. De acordo com o autor, precisamos de uma educação que “desenvolva no nosso estudante o gosto da pesquisa, da constatação, da revisão dos “achados” — o que implicaria no desenvolvimento da consciência transitivo-crítica” (FREIRE, 1967, p. 95).

Precisamos trocar ideias e discutirmos temas com nossos estudantes; devemos trabalhar com o educando; precisamos formar homens que se integrem no espaço democrático e que caminhe rumo à emancipação, à liberdade da classe trabalhadora.

Nessa perspectiva, em *Educação e mudança*, Paulo Freire (1986) traz como temática central a *mudança*. Mas que mudança? Cabe perguntar com Gadotti. E assim escreve o prefaciador do livro: “ao lado da *conscientização*, a *mudança* é um ‘tema gerador’ da prática teórica de Paulo Freire [...] A mudança de uma sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais”. Mais adiante Gadotti acrescenta: “a educação é essencialmente um ato de conhecimento e de conscientização e que, por si só, não leva uma sociedade a se libertar da opressão” (PREFÁCIO, p.10-11). Sendo isto correto, o que mais é preciso para que uma sociedade se liberte da opressão? Partindo do pressuposto que um homem consciente é alguém mais propício a se livrar da ingenuidade que os demais. Sendo assim, o que significa ser liberto numa sociedade de classes, cuja ordem estabelecida é a ordem capitalista? Libertar uma sociedade não significa mantê-la ainda nos moldes do que a torna ser o que é? Paulo Freire defende o compromisso do profissional com a sociedade, mas, se comprometer com a sociedade não significa mantê-la de pé, com todas as suas estruturas funcionando? Ora, parece que aí temos problemas, ou, ao menos, precisamos definir o que significa cada coisa. Afinal, não é a sociedade brasileira caracterizada pelo domínio das oligarquias, pelas desigualdades sociais e de renda, pelo domínio de umas poucas grandes empresas e pelo latifúndio, seguido do agronegócio? Por que razões teríamos nós que defender esse tipo de

sociedade? Não seria o caso trabalharmos para destruí-la e construirmos outra em seu lugar, que seja justa, humanitária, solidária, igualitária?

Por enquanto, fiquemos com a ideia do autor sobre o “compromisso do profissional com a sociedade”. Mas, o que significa isso para Paulo Freire?

Segundo o autor, para se comprometer, o sujeito deve estar munido de algumas condições. “A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir” e acrescenta: “é preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele” (FREIRE, 1986, p. 16). Outra condição apresentada por Freire é a condição de saber-se histórico. E só há um ser capaz de “sair de seu contexto, distanciar-se dele para ficar com ele”; esse ser é o homem. E só há ação na relação homem-realidade, homem-mundo.

O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhado”, ensopados. Somente o compromisso é verdadeiro [...] O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em “coisas” (FREIRE, 1986, p. 19).

No capítulo *A educação e o processo de mudança social*, Freire pontua que a educação “é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem” (FREIRE, 1986, p. 27-28). E, em tal busca, acrescenta o autor, se o homem compreende a realidade, ele “pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”. Daí a importância do trabalho, que não apenas transforma a realidade, mas cria também um mundo próprio. Esse homem é sempre histórico e enche de cultura os espaços por onde anda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Emile Durkheim educação se relaciona com funcionalismo, coerção social, sistemas de educação, regras morais e sociais adaptadas por sociedades distintas em diferentes tempos. De que forma isso influencia a educação hoje? Para o autor, as ideias e ideais das diferentes pessoas fazem parte de algum sistema de ensino, corroborando ideais de organização social; viabilidade de realizações individuais e integração às estruturas sociais.

A sociologia positivista durkheimiana, vale lembrar, tinha como preocupação inicial justamente a educação. Durkheim inspirou-se em Augusto Comte, para quem deveria existir um plano de educação científica inteiramente racional, cujo ensino científico é a força que possibilita realizar os resultados gerais mais essenciais destinados a produzir socialmente a renovação do sistema intelectual desde que os principais ramos da filosofia natural sejam estudados na ordem apropriada.

Carlos Rodrigues Brandão alia a inevitabilidade da educação ao processo de realização humana enquanto constituição inacabada, na *cotidiana experiência da vida social*, na qual a cultura se atualiza permanentemente. Desse modo, a história humana se constrói na trajetória do processo social no qual o trabalho humano atua na transformação da natureza em cultura de forma dialética.

Nessa perspectiva, as formulações de Brandão acerca das diversas formas, modelos e concepções de educação amplia o leque de possibilidades de compreensão, interpretação e de transformação da prática educativa.

Quanto a Paulo Freire, conforme o percurso de leitura realizado até aqui, destaca-se a necessidade de uma ação educativa na qual o ser educado reconhece-se inacabado, identifica os problemas sociais e percebe-se não apenas partícipe da problemática mas, também, das tomadas de decisões, da solução do problema. Para compreender bem a realidade, o homem que se forma intelectual e humanamente precisa praticar constantemente a atividade de pesquisa para, assim, tornar-se capaz de realizar análises a partir de um arcabouço teórico e metodológico munido de crítica.

Isso exige do educador uma postura crítica diante dos fatos e dos problemas do tempo presente e, de igual modo, um compromisso social invariável, irrefutável. O educando precisa inserir-se num contexto de formação para o ganho do saber-se histórico e, portanto, saber agir a partir das relações homem-natureza, homem-realidade, homem-sociedade, homem-mundo.

REFERÊNCIAS

- BRZEZINSKI, Iria. Formação de professores para a educação básica e o Curso de Pedagogia: a tensão entre instituído e instituinte. **RBP**AE – v.23, n.2, p. 229-251, mai./ago. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/19127>. Acesso em 19/03/2019.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. **Memória/sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de Guimarães Rosa e de Manuelzão**. São Paulo: Cone Sul:UNIUB, 1998.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: editora da Unesp, 1999.
- COELHO, Ildeu Moreira; GUIMARÃES, Ged. Educação, escola e formação. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 37, n. 2, p. 323-339, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/20728>. Acesso em: 14 dez. 2021.
- COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia na batalha das ideias e nas lutas políticas do Brasil de hoje. In: FÁVERO, Osmar; SEMERARO, Giovanni (orgs.). **Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2003, p. 11-39.
- CURY, Carlos Robert Jamil. Políticas da educação: um convite ao tema. In: FÁVERO, Osmar; SEMERARO, Giovanni (orgs.). **Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2003, 147-162.
- DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. 5ª ed. São Paulo: Vozes Editora, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.
- _____. **Educação e mudança**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução: Artur M. Parreira, 5 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- LEITE, Guilherme Antunes; MIERJAM, Paulo Augusto. O estado burguês e a educação. **V jornada de didática; IV seminário de pesquisa do CEMAD**. Universidade Estadual de Londrina, 2018.
- LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro. **Sentidos do trabalho: a educação continuada de professores**. São Paulo: Autêntica, 2005.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia e educação**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MANFRED, A. Z. **História do Mundo**. Volume II - O Período Moderno. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/manfred/historia/v02/10.htm>. Acesso em 19/09/2020.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboço da crítica da economia política. Tradução de Mario Duayer et al. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

WALTRICK, A. P., SANTOS, V. dos., & GROSCH, M. S. (2021). A presença da Paideia na pedagogia de Paulo Freire: uma proposta de educação cidadã. **Revista Inter Ação**, 46 (ed. especial), 993–1008. <https://doi.org/10.5216/ia.v46ied.especial.68487>. Acesso em 10/12/2021.